

RESENHA/REVISIÓN/REVIEW

HERDEIROS LINGUÍSTICOS: O PATRIMÔNIO CULTURAL DOS FILHOS OUVINTES DE PAIS SURDOS

Ronice Müller de Quadros

Língua de Herança

Língua brasileira de sinais



QUADROS, Ronice Muller. *Língua de herança-língua brasileira de sinais*. Porto Alegre: Ed. Penso, 2017. 247 p.

Resenhado por:

Sandra Luzia Wrobel Straub*

Universidade do Estado de Mato Grosso

Ana Paula de Souza Pereira **

Universidade do Estado de Mato Grosso

O livro *Língua de herança-língua brasileira de sinais*, de Ronice Muller Quadros (UFSC), foi publicado pela editora Penso, em 2017. A autora é uma importante pesquisadora no âmbito da língua de sinais, tendo como focos de pesquisa a aquisição de língua, o bilinguismo para os surdos, a interpretação, tradução, educação para surdos, entre outros.

O objetivo da obra é discutir as implicações das línguas de herança. Tal conceito é definido como as línguas herdadas pelos filhos de pais imigrantes, indígenas ou surdos. Ao introduzir a temática, a estudiosa apresenta a língua de herança como um patrimônio cultural, transmitida pelos pais e falada no contexto familiar – em contraste com um país monolíngue, de política monolíngüística.

* Professora Doutora Adjunta da Faculdade de Educação e Linguagem da Universidade do Estado de Mato Grosso/SINOP. E-mail: sandrastraub@unemat.br.

** Mestranda na linha Estudos Linguísticos no Programa de Pós-Graduação em Letras- Universidade do Estado de Mato Grosso/SINOP. E-mail: souza_anitah@hotmail.com.

Quadros, como em muitos de seus escritos, apresenta a LIBRAS em todos seus aspectos, além de investigar os processos de desenvolvimento linguístico, considerando não só sua estrutura, mas também refletindo sobre aquisição da língua, interação e constituição dos herdeiros linguísticos.

No que concerne à organização, a obra é constituída por seis capítulos, sendo o primeiro intitulado como *Línguas de herança*. Nesse, são citadas as especificidades do termo, bem como os conceitos subjacentes à teoria em questão. Para Quadros, “[...] a língua de herança está diretamente relacionada linguística e culturalmente aos usos de uma língua por pessoas de um grupo social específico dentro de um grupo maior” (p.7); dessa maneira, a língua de herança em um país monolíngue sempre será minoritária.

Por esse prisma, durante o processo de aquisição os herdeiros linguísticos podem passar por diferentes níveis: ora o descendente é fluente na primeira língua (língua dos pais), e em outros momentos pode ter a língua dominante do país como língua primária. Nesse viés, a pesquisadora entende a primeira língua (L1) como aquela que é usada massivamente no dia a dia do falante.

Nessa conjuntura, a constituição da identidade linguística é uma passagem natural; todavia, aprende-se a língua dos pais em casa e vivencia-se a língua portuguesa (LP) nos demais contextos sociais. É importante salientar que, em virtude do vasto convívio extrafamiliar/sociedade, os sujeitos passam a desenvolver com melhor fluência a língua majoritária da nação.

Em vista disso, Quadros, embasada nos estudos de Dorian (1981), discorre também sobre o termo ‘semifalante’. Contrário dos ditos bilíngues, para Quadros os falantes de língua herança podem ser distintos da denominação acima, uma vez que há herdeiros pertencentes a um subgrupo que não têm a fluência da L1, em virtude da ‘obrigação’ de saber a segunda língua (L2). Além disso, Quadros acusa a ‘pobreza de estímulo’ como fator primordial para falta de competência na língua primária do falante de herança, o que, de acordo com ela, tem sido pauta de estudos, já que geralmente os herdeiros desenvolvem as duas línguas simultaneamente – ou pelo menos ‘passeiam’ facilmente pela L1, mesmo quando ‘adormecida’. Desse modo, o que pode contribuir para a estimulação são as comunidades linguísticas, que junto dos pais tornam-se essenciais para a valorização da língua herdada.

O segundo capítulo discorre sobre ‘comunidades linguísticas’ e sua influência e amparo para com os herdeiros linguísticos. A autora é objetiva e descreve como as línguas de herança são representadas, elencando três situações. “[...] 1) uma família em um país que não é seu país de origem, 2) uma comunidade que envolve grupo de famílias e seus descendentes, ou ainda 3) abrange diferentes famílias com línguas diferentes compartilhando uma língua comum [...]”. (p.17).

Para explicar as particularidades das comunidades, Quadros ressalta vários exemplos de línguas distintas, o que ajuda o leitor a compreender a importância desses grupos específicos em diferentes contextos. Ademais, corrobora autores da área ao debater o conceito ‘bilíngue balanceado’, definido como a pessoa que sabe fluentemente duas línguas, “[...] ou seja, fluente em ambas as línguas de forma equilibrada, que contam com conhecimentos e intuição linguística nas duas línguas, falantes ‘nativos’ [...]”. (p. 90). Para que isso aconteça, um dos fatores fundamentais é o reconhecimento de ambas as línguas. Frente a isso, a comunidade, mesmo que local, auxilia diretamente na apreensão dos falantes, destacando os processos culturais e históricos da língua dos pais e estabelecendo um espaço de discussões e confraternizações na língua nativa.

Quadros acentua a língua de sinais, em vista da relevância da comunidade surda na vida tanto dos surdos – como dos CODAS (*Children of Deaf Adults*). Os CODAS são os filhos ouvintes de pais surdos. Na obra, a estudiosa escolheu esse grupo para exemplificar a língua de herança. A autora aponta que na comunidade surda é comum a explicação de ocorrências na sociedade por surdos que possuem fluência na LP, da mesma forma que ajudam os filhos ouvintes no entendimento da cultura surda. Nessa perspectiva, a autora reflete sobre o papel linguístico da comunidade para os familiares ouvintes – no caso, os filhos.

Já no terceiro capítulo, *O caso da Língua brasileira de sinais (LIBRAS): língua de herança?*, são apresentados os processos de aceitação e legitimação da LIBRAS. Nesse viés, a autora traz por meio de uma linguagem simples a instauração da língua de sinais (LS) no Brasil, bem como sua origem francesa e semelhança com outras línguas, buscando, assim, esclarecer que a LS também não é universal. A LIBRAS tem sua própria estrutura gramatical e comunicacional, a única semelhança com outras línguas de sinais estrangeiras é o módulo visuoespacial, “[...] representando por si só as possibilidades que traduzem as experiências surdas, ou seja

experiências visuais [...]”. (p.34). Além da elucidação acerca da LIBRAS, a autora evidencia os pesquisadores da área que fizeram e que fazem grandes estudos impulsionadores, mencionando autores como Lucinda Brito (1985), Skliar (1997), Perlin (2005), entre outros da atualidade.

Na segunda parte do terceiro capítulo, Quadros coloca em foco a ‘Transmissão da língua para os filhos ouvintes de pais surdos’, designando mais precisamente o surgimento da sigla CODA, além de ilustrar como os teóricos discutem sobre esse grupo. Por essa ótica, na maioria das vezes, os filhos ouvintes de surdos serão a única geração a herdar a língua, uma vez que a surdez dos pais, em sua maioria, é decorrente de complicações pré e pós-parto, não sendo repassada no código genético.

Quadros frisa que muitos CODAS sentem a desvalorização da LS no meio social, o que influencia na aceitação da língua herdada, já que os herdeiros são, muitas vezes, os intérpretes de seus pais. Nesse sentido, a pesquisadora alerta para a sobrecarga de alguns CODAS que, ainda crianças, são responsáveis pela mediação da família com a sociedade ouvinte, fato que pode criar uma ‘certa’ aversão à LS. Segundo a estudiosa, é nesse momento que a comunidade surda faz a diferença ao dialogar com o núcleo familiar, pois a aprovação da língua de sinais é a aceitação da cultura surda. A autora demonstra para o leitor que não existem receitas prontas: há filhos ouvintes que aceitam e há os que não aceitam, assim como existem filhos surdos, de pais surdos, que optam pela utilização da LIBRAS da oralização ou os dois modos simultaneamente.

Quadros faz uma síntese sobre ‘Os filhos surdos de pais surdos’. Esses, conforme a autora, são considerados os ‘sortudos’, pois terão mais oportunidades de desenvolvimento linguístico, “[...] no entanto, os filhos de pais surdos podem estar em famílias de surdos com diferentes níveis linguísticos”. (p. 74) – o que pode determinar sua fluência na LS, visto que há famílias surdas que usam sinais caseiros/gestuais e não a língua brasileira de sinais.

O quarto capítulo é responsável por mostrar as *Pesquisas com línguas de sinais como língua de herança*, destacando os estudos realizados com os CODAS e seus graus de entendimento da primeira e segunda língua. Quadros destaca, novamente, o modo de aquisição, esquecimento ou apagamento da língua, transitando pelo bilinguismo presente nos falantes herdeiros. Nessa perspectiva, a autora sublinha o período crítico, “[...] ou seja, haveria um período apropriado para o desenvolvimento de uma ou mais línguas”. (p. 85). A pesquisadora ressalta que tal denominação é colocada em jogo quando falamos dos CODAS, já que alguns nessa fase, mesmo convivendo com os pais, não se tornam fluentes na primeira língua. A justificativa para esse fenômeno, segundo a autora, é o tempo de exposição à L1, considerando que período de contato é menor em relação à exposição da L2, devido ao convívio intenso com a sociedade. Desse modo, o herdeiro pode adquirir as línguas com fluências variáveis dependendo do contato com os falantes. É importante evidenciar que mesmo que se torne mais fluente na L2, a primeira língua sempre será ‘guardada’, estando pronta para o uso.

Para demonstrar como os CODAS podem desenvolver as línguas, Quadros remete o leitor a ‘pesquisas com filhos ouvintes de pais surdos: sinalizantes de língua de Herança’. A autora realizou entrevistas com CODAS brasileiros em distintos cenários e afirma que, durante a observação, muitos deles não sabiam identificar qual era a primeira língua. Mas, no decorrer da investigação, verificou que a maioria dos entrevistados utilizava as duas línguas, em maior ou menor escala. Quadros aponta que essas pessoas podem ser chamadas de bilíngues bimodais, “[...] porque as duas línguas apresentam-se com modalidades diferentes (línguas de sinais e língua falada)” (p.105), dependendo da sobreposição de ambas as línguas. Os trechos demarcados das entrevistas possibilitam ao leitor a compreensão do uso da língua por esses herdeiros. Juntamente com as exibições de gráficos e tabelas, as entrevistas ilustram as inferências da primeira e segunda língua no falar/sinalizar desses sujeitos.

Em virtude do módulo de aquisição das línguas, Quadros disserta, no quinto capítulo, sobre *Línguas de herança: políticas linguísticas e a língua brasileira de sinais*. Ela elucida os processos governamentais acerca da aquisição e avaliação da L1 e L2 para os CODAS e enfatiza que desde a Lei 10. 436 de 2002, e, posteriormente, em 2005, com o Decreto 5.626, houve mudanças satisfatórias para a valorização da LIBRAS no Brasil. No entanto, tais evoluções ainda não causaram a implementação de escolas bilíngues para os surdos, o que dificulta o desenvolvimento educacional desse público. Acerca dos falantes herdeiros, a autora frisa que em outros contextos linguísticos a língua herdada é ensinada nas escolas como língua estrangeira (LE). Porém, de acordo com Quadros, a

língua não pode ser mediada dessa maneira, por isso as instituições educacionais precisam buscar alternativas metodológicas para esses casos em específico, pois a língua ensinada como LE para os outros alunos é a L1 ou L2 para os herdeiros.

Embasada em Boon e Polinsky (2014), esclarece os desafios desse ensino, destacando quatro especificidades que devem ser levadas em conta, a saber: “[...] identificar as necessidades do aluno falante/sinalizante de língua herança[...]”; “[...] entender que muitas vezes esse aluno não segue a norma padrão da língua herdada, sendo necessário o respeito a esses dialetos por parte da escola e docentes [...]”; “[...] considerar a diferença de módulo interacional da língua no contexto escolar e a criação de métodos educacionais que auxiliem no desenvolvimento do aluno, visto que esse discente tem particularidades linguísticas distintas dos outros [...]”.(p. 135 e 136). A pesquisadora também dialoga com Isakson (2016), ao refletir que o contato com esses falantes é primordial para a escolha de metodologias adequadas, que respeitem a diversidade linguística, histórica e social dos herdeiros.

Após a explanação teórica, Quadros destaca, no sexto capítulo, o que consideramos muito importante para melhor compreensão de toda a escrita da obra: as ‘biografias: o que os filhos ouvintes de pais surdos contam sobre as línguas, as identidades e as culturas’. A autora traz à luz todas as determinações discutidas nos capítulos anteriores através de seis depoimentos, inclusive dela mesma. Nesse capítulo, os CODAS contam como foi a aquisição da língua dos pais, da segunda língua e convívio com ambas as culturas: ouvinte e surda.

Por meio da narração de Quadros, somos levados a mergulhar em histórias, lembranças e o momento presente da vida dos CODAS entrevistados. É enfatizado, em vários momentos, o difícil reconhecimento da língua na adolescência e como isso influenciou no futuro dessas pessoas. Entretanto, a maioria revela que a língua de herança é a primeira ou a segunda língua, que não há um distanciamento. Muitos afirmam que seguiram a carreira como intérprete e fazem a diferença na sociedade para a comunidade surda. Por esse prisma, podemos citar aqui a própria Ronice Muller Quadros, que realizou inúmeras pesquisas na área da LIBRAS, sendo reconhecida por muitos como a ‘mãe’ dos estudos em uma perspectiva gerativista.

Além disso, alguns dos entrevistados, mesmo que não trabalhem na área, relatam que consideram a língua herdada como parte indissociável de si. Após as biografias, Quadros comenta os processos de identificação linguística dos falantes/sinalizantes herdeiros, aliando as teorias com os depoimentos, o que redundará em um trabalho pedagógico e compreensível para o leitor.

Por fim, destacamos a importância da obra e a recomendamos para leitura, pois aborda um tema relevante para os estudiosos da linguagem, professores e pais que vivenciam essa realidade. Aos acadêmicos e pós-graduandos, a leitura possibilita a apreensão de vários conceitos discutidos na aquisição de línguas, assim como alguns termos específicos da cultura surda. Acreditamos, por fim, que a leitura do livro de Quadros possibilita ao leitor a imersão em um tema desconhecido para a maioria das pessoas, visto que poucas são as discussões a respeito dos CODAS – desconhecimento esse, não só do significado da sigla, mas de todo um contexto linguístico, histórico e social desses herdeiros.

Recebido em 08/03/2018. Aceito em 17/05/2018.